



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE TREINAMENTO E DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E
TECNOLÓGICO – CETREDE
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA DO ENSINO SUPERIOR

RECURSOS ARTÍSTICOS POTENCIALIZADORES DO
PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

MARIA SOLANGE DO NASCIMENTO

FORTALEZA-CEARÁ
JUNHO-2010

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE TREINAMENTO E DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E
TECNOLÓGICO – CETREDE
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA DO ENSINO SUPERIOR**

**RECURSOS ARTÍSTICOS POTENCIALIZADORES DO
PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM**

MARIA SOLANGE DO NASCIMENTO

**FORTALEZA – CEARÁ
2010**

RECURSOS ARTÍSTICOS POTENCIALIZADORES DO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

MARIA SOLANGE DO NASCIMENTO

Monografia submetida à Coordenação do
Curso de Especialização em Docência do
Ensino Superior como requisito parcial
para obtenção do título de especialista
pela Universidade Federal do Ceará.

FORTALEZA
2010

Esta monografia foi submetida à coordenação do curso de especialização em Docência do Ensino Superior como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de especialista em Docência do Ensino Superior pela Universidade Federal do Ceará e encontra-se à disposição dos interessados na biblioteca central da referida universidade.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida, desde que seja feita de conformidade com as normas da ética científica.

Maria Solange do Nascimento

MONOGRAFIA APROVADA EM: _____/_____/_____

Gláucia Maria de Menezes Ferreira - L. D.
Orientadora

AGRADECIMENTOS

À Deus, a força suprema, que me ajuda a superar as barreiras mesmo quando elas parecem intransponíveis;

À Maria De Jesus, minha mãe, referência maior de fé e perseverança;

À Danilo Maia, meu pai, pelo apoio, orações e incentivo nesta caminhada;

Às minhas irmãs, Elaine, Gerlaine, Diana e Rejane pelo apoio nos momentos difíceis e torcida pelo meu sucesso pessoal;

À Francisco de Assis, a quem carinhosamente chamo de Louro, meu marido, por compartilhar a minha vida apoiando-me nos desafios e alegrando-se com as vitórias;

Aos professores da Educação Básica, em particular ao professor Caqui por ter tido palavras e atitudes que me possibilitaram a continuidade dos estudos, quando quis parar de estudar;

Aos professores da pós-graduação, em particular ao professor Gonzaga Ferreira por ter me ajudado a desvendar os segredos na aquisição do saber formal;

À todos que direta e indiretamente contribuíram para esta conquista.

Dedico este trabalho à Gabriela e ao Rafael, meus filhos, presentes de Deus que dão sentido à minha vida

RESUMO

O objeto de estudo desta monografia é o uso de recursos artísticos na sala de aula com fins de aperfeiçoamento do trabalho pedagógico do professor no que concerne a melhoria do processo ensino aprendizagem. Objetivou-se neste trabalho analisar, a luz da teoria, como os recursos artísticos podem contribuir com as metodologias de ensino para favorecer o processo de ensino e aprendizagem. Buscou-se ainda, apresentar aos professores alguns recursos artísticos para serem usados em sala de aula, demonstrando sua aplicabilidade no desenvolvimento cognitivo dos alunos. A abordagem do tema dividiu-se em três partes que se complementam, a saber: no primeiro capítulo foram apresentadas diferentes teorias da aprendizagem que justificam o uso da artes na sala de aula como um recurso pedagógico; no segundo capítulo foi abordada a interrelação entre a arte e a educação, e por fim, no terceiro capítulo foi demonstrado situações que ilustram o uso dos recursos artísticos na sala de aula. Quanto as contribuições deste estudo, destaca-se primeiramente as transformações ocorridas no processo particular de formação pessoal. Posto que, antes ao trabalhar com o ensino de artes o fazia mais por afinidade, sem, no entanto, compreender as inúmeras contribuições inerentes ao ensino de artes. O estudo realizado favoreceu a compreensão das inúmeras habilidades explícitas e implícitas inerentes ao ensino de artes. Espera-se que as informações aqui sistematizadas e disponibilizadas possam ser úteis à formação e a prática de outros professores.

Palavras-chave : Artes, Educação, Aprendizagem.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1 APRENDIZAGEM COGNITIVA	10
1.1 Aprendizagem na visão psicogenética	10
1.2 A teoria socioconstrutivista da aprendizagem	14
1.3 Aprendizagem na teoria de Henri Wallon	15
2 ARTE E EDUCAÇÃO	17
2.1 O ensino de Arte e os conteúdos escolares	21
3 RECURSOS ARTÍSTICOS COMO AUXILIARES DAS METODOLOGIAS DE ENSINO	23
2.1 Origami	24
2.2 Música	38
2.3 Cartões	41
Conclusão	46
Referências Bibliográficas	48

Introdução

O objeto de estudo desta monografia é o uso de recursos artísticos na sala de aula com fins de aperfeiçoamento do trabalho pedagógico do professor no que concerne a melhoria do processo ensino aprendizagem.

Objetivou-se neste trabalho analisar, a luz da teoria, como os recursos artísticos podem contribuir com as metodologias de ensino para favorecer o processo de ensino e aprendizagem. Buscou-se ainda, apresentar aos professores alguns recursos artísticos para serem usados em sala de aula, demonstrando sua aplicabilidade no desenvolvimento cognitivo dos alunos.

Os recursos artísticos apresentados e discutidos neste trabalho monográfico são: a música, o origami e a técnica de confecção de cartões artesanais.

Escolheu-se refletir e aprofundar essa temática, fundamentando-a e relacionando-a ao fazer cotidiano dos professores por ser a área da educação que tenho maior afinidade. Desde a adolescência a autora tem se interessado pelo fazer artístico, pelo pintar em tecido, trabalhar com petwork, fazer origami, trabalhar com colage e música. Essas afinidades pessoais levaram ao desafio de usar a arte na sala de aula como um instrumento que ajudasse na aprendizagem dos alunos. Durante a graduação em Pedagogia, ao cursar a disciplina arte e educação descobriu que a arte é uma parte integrante do currículo escolar. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei nº 9394/96 a Arte e Educação é uma disciplina obrigatória do currículo.

Na prática cotidiana foi usado arte em Educação de Jovens e Adultos e resultados positivos foram obtidos em processos de letramento. Dos resultados obtidos o que mais se destacou foi o interesse e envolvimento do grupo ao desenvolver qualquer atividade em que a metodologia usada empregasse recursos artísticos.

Ao estudar as teorias da aprendizagem para fundamentar este trabalho monográfico, novas e interessantes descobertas foram feitas. Foi observado que inúmeras habilidades, necessárias ao processo de alfabetização e letramento e aprendizagem escolar como um

todo, podem ser desenvolvidas através do ensino de artes. Dentre estas habilidades destacou-se: a memória, a sequência, a atenção, lateralidade, a concentração, a motricidade fina, a percepção, a criatividade, a autonomia etc.

As experiências vivenciadas e os conhecimentos teóricos adquiridos fizeram acreditar cada vez mais na positividade do ensino da artes em todos os níveis de ensino, desde a Educação infantil ao ensino médio.

Nesta monografia buscou-se discutir a importância das artes como recurso pedagógico de forma a potencializar o processo de ensino. A abordagem do tema dividiu-se em três partes que se complementam, a saber: no primeiro capítulo foram apresentadas diferentes teorias da aprendizagem cognitiva que justificam o uso da artes na sala de aula como um recurso pedagógico; no segundo capítulo foi abordado a interrelação entre a arte e a educação, e por fim, no terceiro capítulo foi demonstrado situações que ilustram a prática da arte na sala de aula.

Quanto as contribuições deste estudo, destaca-se primeiramente as transformações ocorridas no processo particular de formação pessoal. Posto que, antes ao trabalhar com o ensino de artes o fazia mais por afinidade, sem, no entanto, compreender as inúmeras contribuições inerentes ao ensino de artes. O estudo realizado favoreceu a compreensão das inúmeras habilidades explícitas e implícitas inerentes ao ensino de artes. Espero que as informações aqui disponibilizadas possam ser úteis à formação e a prática de outros professores.

1 DIFERENTES ABORDAGENS DA APRENDIZAGEM COGNITIVA

1.1 Aprendizagem na visão psicogenética

Diversos autores, de diferentes formas tentaram descrever como se processa a aprendizagem. Um destes autores foi o francês Jean Piaget(1983). O referido autor escolheu a criança como objeto de estudo visando encontrar nela as origens do conhecimento humano. Sua busca culminou com a formulação de uma teoria sobre o desenvolvimento da cognição humana a qual deu o nome de Epistemologia Genética.

A partir de suas pesquisas buscou explicar cientificamente o percurso da evolução da inteligência humana, desde suas origens, ou seja, do bebê ao indivíduo em idade adulta.

Segundo Piaget a atividade da criança nos primeiros meses de vida é exclusivamente sensorial. A este momento da vida infantil denominou de sensório-motor. A mudança dos esquemas sensório-motor simples do período de bebê para os esquemas mentais complexos da infância posterior se dá pela operação de três processos básicos, são eles:

Como biólogo Piaget traçou um paralelo entre o desenvolvimento biológico e mental. Ele partiu do princípio de que a inteligência humana é uma adaptação, que resulta do equilíbrio entre o sujeito e o meio. Para Piaget a equilibração consiste num processo de “reestruturação dos esquemas”. Discorrendo sobre a teoria de Piaget e referindo-se ao conceito de esquemas Bee (2003, p. 195) afirma

“segundo Piaget, a criança tenta adaptar-se ao mundo que cerca de maneiras cada vez mais satisfatórias. Na teoria de Piaget, o processo adaptação é constituído por vários subprocessos vitais. Esquemas. Um conceito piagetiano central – e um dos mais difíceis de ser compreendido – é o de esquemas.”

Ainda referindo-se aos esquemas, a autora acrescenta

“Ele via o conhecimento não como categorias mentais passivas, mas como ações, mentais ou físicas, e cada uma dessas ações é o que ele

que dizer com esquema. Portanto, um esquema não é realmente uma categoria, mas a ação de categorizar de alguma maneira específica.”

Os esquemas mentais são informações que a criança retém em sua mente a partir das experiências que vivencia. Por outras palavras, a criança em suas descobertas está sempre em busca por coerência visando permanecer em equilíbrio, com o objetivo de entender o mundo.

Aplicando a teoria de Piaget ao campo pedagógico, e analisando a aprendizagem escolar por este prisma vê-se que o aluno constrói seu conhecimento a partir de sua atividade sobre o objeto de conhecimento. Dessa forma, podemos dizer que quanto maior for a curiosidade e dinamicidade da criança ao enfrentar uma situação maior será sua probabilidade de obter êxito.

De acordo com esta teoria o aluno não pode ser tido como um agente passivo no processo de aprendizagem, pelo professor. A construção do conhecimento, na visão de Piaget, dá-se na interação sujeito-objeto. Dessa forma, pode-se se dizer que o ensino de artes está coerente com esta teoria, posto que ao trabalhar com artes o aluno é totalmente envolvido no processo educativo, sendo realmente um sujeito ativo.

Outro diferencial da teoria psicogenética, diz respeito a forma de conceber o erro cometido pelo aluno durante o processo de aprendizagem. De acordo com esta teoria, se o conhecimento esta em constante evolução e elaboração, o erro deve ser visto como formulação de hipóteses e pré-requisitos necessários à adaptações futuras. Discorrendo sobre a teoria de Jean Piaget, Bee (2003, p. 195) assim descreve este processo de evolução do conhecimento na criança

“No decorrer do desenvolvimento, a criança, pouco a pouco, adquire esquemas mentais bastante complexos, como análise dedutiva ou raciocínio sistemático. De acordo com Piaget, a mudança dos esquemas sensório-motores simples do período de bebe para os esquemas mentais complexos da infância posterior se dá pela operação de três processos básicos: assimilação, acomodação e equilíbrio.”

Aos educadores compete conhecer esta elaboração teórica, para posteriormente relacioná-la às práticas pedagógicas e assim, aperfeiçoar sempre o cotidiano escolar. Nessa perspectiva, apresentamos os três conceitos fundamentais do desenvolvimento infantil:

Assimilação. Assimilação é o processo de absorver algum evento ou experiência em algum esquema. Quando um bebê olha para um móvel sob seu berço e depois entende a mão para ele, Piaget diria que o bebê assimilou o móvel nos esquemas de olhar e alcançar; Quando você lê este parágrafo, está assimilando a informação, encadeando este conceito em outros conceitos (esquemas) seus que podem ser semelhantes.

A chave aqui é que a assimilação é um processo ativo.

A assimilação também modifica as informações incorporadas, porque cada experiência assimilada assume algumas das características do esquema utilizado para integrá-la.

Acomodação. O processo complementar é a acomodação, o qual envolve modificar o esquema em resultado das novas informações absorvidas pela assimilação.

Assim, na teoria de Piaget, o processo de acomodação é a chave para a mudança desenvolvimental.

Por meio dela, nós reorganizamos nossas idéias, melhoramos nossas habilidades, mudamos nossas estratégias.

Equilibração. O terceiro aspecto da adaptação é a equilibração. Piaget supunha que a criança está sempre lutando por coerência, visando a permanecer “em equilíbrio”, visando a chegar a um entendimento do mundo que faça sentido em sua totalidade.

A analogia feita Bee (2003, p. 196) nos permite um melhor entendimento do conceito de equilibração. Segundo a autora podemos usar a analogia do mapa da estrada. Suponha que você acabou de se mudar para uma nova cidade; em vez de comprar um mapa local, você tenta se localizar usando apenas um mapa desenhado à mão por um amigo. A medida que você aprende a se movimentar nessa nova cidade, vai fazendo correções em seu mapa, redesenhando-o e fazendo anotações. Esse mapa redesenhado e revisado certamente será melhor que a versão original, mas você vai acabar achando que ele ficou impossível de ser lido e que continua incompleto. Então, você começará de novo e desenhará um outro mapa, baseado em todas as suas informações. Você vai levá-lo consigo, vai revisá-lo e fazer anotações até ele também ficar tão riscado que será necessário fazer outro novo. As correções e as anotações que você fez em seu mapa são análogas às acomodações na teoria de Piaget e o processo de recomeçar e desenhar um novo mapa é análogo à equilibração.

Relacionando a teoria de Piaget ao ensino de artes, podemos dizer que muitos desses novos elementos que são necessários ao desenvolvimento cognitivo podem e devem ser fornecidos aos alunos por meio da arte. Dentre esses elementos necessários à

aprendizagem escolar podemos citar: a memória, a sequência, a atenção, lateralidade, a concentração, a motricidade fina, a percepção, a criatividade, a autonomia etc.

É papel do professor, de posse dessas informações, inserir no trabalho pedagógico a exploração de diversos recursos artísticos, tendo como finalidade desenvolver estas habilidades. Ressaltemos porém, que a inserção de metodologias envolvendo a artes devem estar presente em toda a educação básica, iniciando na educação infantil e permanecendo até o ensino médio, dessa forma a arte estará presente nos diferentes momentos do desenvolvimento do aluno. De acordo com a teoria psicogenética esse desenvolvimento ocorre por etapas.

Em sua elaboração teórica Piaget especificou pontos particularmente significativos de reorganização ou equilibração, cada um introduzindo um novo estágio de desenvolvimento. Segundo este autor, o primeiro ocorre por volta dos 18 meses, quando a criança passa do domínio dos esquemas sensoriais e motores simples para o uso dos primeiros símbolos. O segundo ocorre entre os cinco e sete anos, momento em que a criança acrescenta uma série toda nova de poderosos esquemas que Piaget denomina operações, que são ações mentais muito mais abstratas e gerais, como a adição ou subtração mental.

Esse processo de desenvolvimento se consolida a partir dos 12 anos de idade quando o adolescente atinge um nível tal que consegue fazer abstrações, mesmo na ausência total do objeto. Por exemplo, o aluno é capaz de imaginar tempos e espaços distantes do seu tempo e espaço vividos. Na abordagem piagetiana o fim da educação é a busca da autonomia do aluno.

1.2 A teoria Sociointeracionista da aprendizagem

Outro autor que também pesquisou o desenvolvimento humano foi o russo Lev Vygotsky(1988). Este autor destacou a importância da dimensão social no desenvolvimento e na aprendizagem da criança. Sua abordagem ficou conhecida na educação como Sociointeracionismo.

Vygotsky teve como referência alguns pressupostos do marxismo e do materialismo. Segundo Karl Marx “O homem produz a história e ao mesmo tempo, é produzido por ela.” Assim sendo, afirmou que a consciência humana não nasce pronta, ela é produzida a cada momento histórico, dependendo das relações sociais vivenciadas em determinados período.

Na perspectiva marxista não é a consciência dos homens que determina a vida, ao contrário é a vida material que determina a consciência. Entendamos aqui por consciência o conjunto das funções superiores (memória, atenção voluntária, linguagem, percepção etc.)

Para este autor é no conjunto das relações sociais que todos os indivíduos aprendem o que é ser humano. Para Vygotsky(1991), esse processo chama-se internalização. E essa foi a base sobre a qual elaborou suas teorias para a educação escolar.

Um dos principais conceitos elaborado por Vygotsky(1991) foi o conceito de mediação. Este conceito propõe um redimensionamento da prática educativa. Contrapondo-se a outras teorias que afirmavam que a aprendizagem era determinada por fatores alheios a escola, com a elaboração do conceito de mediação Vygotsky vai demonstrar que a qualidade da interação vai fazer grande diferença no processo ensino aprendizagem.

É através da mediação pedagógica que o professor vai escolher os recursos e a metodologia a ser usada em sala de aula. No que diz respeito ao ensino de artes, será através da mediação pedagógica que o professor favorecerá a interação do aluno com vários recursos artísticos. A qualidade da aprendizagem dependerá de como o professor irá explorar a arte na sala de aula.

1.3 – Aprendizagem na teoria de Henri Wallon

O que diferencia Henri Wallon() dentre os autores interacionistas, é o fato deste autor radicalizar o pensamento dialético. Para Wallon, no desenvolvimento humano há avanços e recuos, ou seja, há processo evolutivo e involutivo.

Não existe, de fato, linearidade no desenvolvimento da personalidade. Wallon concebe as crises, os conflitos e outras situações que envolvem a dimensão emocional como produtivos e propulsores do desenvolvimento.

Alguns dos argumentos elaborados por Wallon são explicados através da apresentação de estágios. As características dos estágios de desenvolvimento propostos por Wallon demonstram não só falta de linearidade como a alteração do tipo de atividade preponderante em cada etapa, que ele chamou de alternância funcional.

O primeiro estágio de desenvolvimento é o estágio impulsivo-emocional. Neste momento do desenvolvimento a relação da criança com o meio é totalmente emocional. Suas reações, no início biológica, são os instrumentos de tentativa de controle do ambiente. As respostas afetivas, aos poucos, vão modificando o meio social que a cerca, pois começa a relacionar suas reações com as outras pessoas com as quais interage. Fica cada vez mais nítido para ela que seu choro, seus risos, seus gestos, causam modificações e se tornam uma verdadeira forma de linguagem interativa com os que a cercam.

O segundo é o estágio do personalismo que ocorre por volta dos três aos seis anos de idade. Neste momento há uma reviravolta na predominância funcional. A afetividade volta a dominar o cenário de desenvolvimento, fazendo com que a criança “desperte” para as pessoas, saindo do seu egocentrismo natural, originando a consciência de si e dos outros. Wallon destaca esse estágio como de formação da personalidade, momento em que a criança se torna mais receptiva às influências das pessoas que a cercam.

Esta elaboração teórica tem inegáveis implicações para a práxis educativa. A primeira especificidade a ser destaca é a compreensão da criança como uma

totalidade em metamorfose, ao mesmo tempo universal e única, composta por uma tríade inseparável: motricidade, afetividade e cognição.

Ao compreender a criança por este ponto de vista o professor não poderá desenvolver uma prática que seja exclusivamente exploração de conteúdos escolares, como por exemplo, práticas excessivamente presas ao livro didático. O professor que adquire essa compreensão poderá vivenciar metodologias de ensino que intencionem o desenvolvimento desta tríade que é a motricidade, afetividade e cognição.

É nesse contexto que se insere o ensino da arte. Por exemplo, ao trabalhar com a música na sala de aula o professor poderá desenvolver inúmeras habilidades no aluno(motricidade, atenção, ritmo, oralidade etc.), isso por que a música é uma linguagem expressiva e as canções são veículos de emoções e sentimentos, e podem fazer com que a criança reconheça nelas seu próprio sentir.

2 ARTE E EDUCAÇÃO

Desde os primórdios da história da humanidade a arte sempre esteve presente em praticamente todas as formações culturais. O homem que desenhou e pintou nas cavernas teve que aprender e, da mesma maneira, ensinar para alguém o que aprendeu.

Assim, o ensino e a aprendizagem da arte se manifestam no meio social de acordo com normas e valores estabelecidos em cada ambiente cultural.

Por isso, a mudança radical que deslocou o foco de atenção da educação tradicional, centrado apenas na transmissão de conteúdos, para o processo de aprendizagem do aluno também ocorreu no âmbito do ensino de arte.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais do ensino fundamental do ensino de artes (2001) As diversas pesquisas que foram realizadas nos vários campos das ciências humanas trouxeram dados importantes sobre o desenvolvimento da criança, sobre o processo criador.

É importante salientar que tais orientações e informações oriundas das pesquisas científicas trouxeram uma contribuição no sentido da valorização da produção criadora da criança.

Ainda de acordo com o referido documento do Ministério da Educação, os PCNs professores de arte, na contemporaneidade, se preocupam em responder perguntas básicas que fundamentam sua atividade pedagógica, tais como:

Que tipos de conhecimento caracterizam a arte?

Qual a função da arte na escola?

Qual a contribuição específica que a arte traz para a educação do ser humano?

Como as contribuições da arte podem ser significativas e vivas dentro da escola?

Como se aprender e criar, experimentar e entender a arte e qual a função do professor nesse processo?

E como nem sempre os professores têm respostas a estes questionamentos, conseqüentemente fragilizam o ensino de artes. Dessa forma, “o lugar da arte na

hierarquia das disciplinas escolares corresponde a um desconhecimento do poder da imagem, do som, do movimento, e da percepção estética como fontes de conhecimento.” (BRASIL, 2001, p.28)

No entanto, mesmo não sendo exploradas todas as potencialidades inerentes ao ensino de artes, é preciso reconhecer que a introdução da educação artística no currículo escolar já representa um grande avanço, principalmente quando se considera que houve um entendimento coletivo em relação a importância da arte na formação integral dos alunos.

Anterior a elaboração dos PCNs foi identificado que a prática de alguns professores precisava ser aperfeiçoada, isso porque ainda trabalhavam com exercícios e modelos convencionais selecionados por eles em manuais e livros didáticos, sem refletir a importância no fazer, apreciação e contextualização.

A partir dessas constatações procurou-se formular princípios que orientem aos professores na sua reflexão sobre a natureza do conhecimento artístico, na investigação do fenômeno artístico e de como se ensina e como se aprende arte.

Agora são orientados através de referenciais curriculares nacionais que formularam princípios que orientam aos professores na sua reflexão sobre a natureza do conhecimento artístico, na investigação do fenômeno artístico e de como se ensina e como se aprende arte.

Segundo o documento do Ministério da Educação esta discussão interessa particularmente ao campo da educação, que manifesta uma necessidade urgente de formular novos paradigmas que evitem a oposição entre arte e ciência, para fazer frente às transformações políticas, sociais e tecnocientíficas que anunciam o ser humano do Século XXI.(BRASIL, 2001, p.35)

Ainda de acordo com o mesmo documento apenas um ensino criador, que favoreça a integração entre a aprendizagem racional e estética dos alunos, poderá contribuir para o exercício conjunto complementar da razão e do sonho, no qual conhecer é também

maravilha-se, brincar com o desconhecido, arriscar hipóteses ousadas, trabalhar duro, esforçar-se e alegrar-se com descobertas.

Conhecimento artístico como produção e fruição

A obra de arte situa-se no ponto de encontro entre o particular e o universal da experiência humana.

No caso do conhecimento artístico, o domínio do imaginário é o lugar privilegiado de sua atuação: é no terreno das imagens que a arte realiza sua força comunicativa.

Assim, a partir desse quadro de referências, situa-se a área de arte dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais como um tipo de conhecimento que envolve tanto a experiência de apropriação de produtos artísticos (que incluem as obras originais e as produções relativas à arte, tais como textos, reproduções, vídeos, gravações, entre outros) quanto o desenvolvimento da competência de configurar significações por meio da realização de formas artísticas.

Desse modo, entende-se que aprender arte envolve não apenas uma atividade de produção artística pelos alunos, mas também a conquista da significação do que fazem, pelo desenvolvimento da percepção estética, alimentada pelo contato com o fenômeno artístico visto como objeto de cultura através da história e como conjunto organizado de relações formais. É importante que os alunos compreendam o sentido do fazer artístico; que suas experiências de desenhar, cantar, dançar ou dramatizar não são atividades que visam distraí-los da “seriedade” das outras disciplinas.

As atividades artísticas são recursos fundamentais para o desenvolvimento integral da pessoa humana.

Aprender arte é desenvolver progressivamente um percurso de criação pessoal cultivado, ou seja, alimentado pelas interações significativas que o aluno realiza com aquelas que trazem informações pertinentes para o processo de aprendizagem com fontes de informação e com o seu próprio percurso de criador.

Nesse sentido, o ensino de artes pressupõe um trabalho interativo e reflexivo. De acordo com os PCNs fazer arte e pensar sobre o trabalho artístico que realiza, assim como sobre a arte que é e foi concretizada na história, pode garantir ao aluno uma situação de aprendizagem conectada com os valores e os modos de produção artística nos meios socioculturais (BRASIL, 2001, p.47).

Dessa forma, pode-se dizer que ensinar arte em consonância com os modos de aprendizagem do aluno, significa, então, integrar a escola à informação sobre a produção histórica e social da arte e, ao mesmo tempo, garantir ao aluno a liberdade de imaginar e edificar propostas artísticas pessoais ou grupais com base em intenções próprias. E tudo isso integrado aos aspectos lúdicos e prazerosos que se apresentam durante a atividade artística.

Assim, aprender com sentido e prazer está associado à compreensão mais clara daquilo que é ensinado. Para tanto, os conteúdos da arte não podem ser banalizados pelo professor, ao contrário, estes devem ser ensinados por meio de vivências e/ou propostas que alcancem os modos de aprender do aluno e garantam a participação de cada um dentro da sala de aula de acordo com suas aptidões e interesses.

A intervenção e a intencionalidade docente fazem toda diferença no processo de ensino e aprendizagem, isso por que cabe ao professor escolher os modos e recursos didáticos adequados para cada apresentar as informações, observando sempre a necessidade de introduzir formas artísticas, porque ensinar arte com arte é o caminho mais eficaz. Em outras palavras, o texto literário, a canção e a imagem trarão mais conhecimento ao aluno e serão mais eficazes como portadores de informação e sentido. O aluno, em situação de aprendizagem, precisa ser convidado a se exercitar nas práticas de aprender a ver, observar, ouvir, atuar, tocar e refletir sobre elas.

Segundo a orientação curricular do ministério da Educação é papel da escola incluir as informações sobre a arte produzida nos âmbitos regional, nacional e internacional, compreendendo criticamente também aquelas produzidas pelas mídias para democratizar o conhecimento e ampliar as possibilidades de participação social do aluno (BRASIL, 2001, p.48).

Ressalta-se que o percurso criado do aluno, contemplando os aspectos expressivos e construtivos, é o foco central da orientação e planejamento da escola.

E ainda, a aprendizagem em arte acompanha o processo de desenvolvimento integral da criança e do jovem que observa que sua participação nas atividades diárias está envolvida nas regularidades, acordos, construções e leis que reconhece na totalidade da vida social da comunidade à qual está vinculado, pelo fato de se perceber como sujeito ativo na construção desta.

2.1 O ensino da Arte e os conteúdos escolares

O ensino da arte na contemporaneidade é uma realidade e já conta com inúmeros avanços no plano conceitual e metodológico. Os conteúdos e métodos do ensino de artes foram renovados.

A que se ressaltar que nem sempre foi assim. Na escola tradicional, valorizavam-se as habilidades manuais e os dons artísticos. Quanto ao trabalho docente os professores trabalhavam com exercícios e modelos convencionais relacionados por eles em manuais e livros didáticos.

De acordo com as diretrizes curriculares do Ministério da Educação(2001) o ensino da arte que antes era voltado essencialmente para o domínio técnico, centrado no professor, e competia a ele transmitir aos alunos códigos, conceitos e categorias ligadas a padrões estéticos que variam de linguagem para linguagem, mais tinha sempre em comum a reprodução de modelos.

A partir da década de 70 este quadro se transformou. O ensino como um todo se renovou, e em particular, o ensino de artes. Autores responsáveis pela mudança de rumo do ensino da arte afirmam que o desenvolvimento artístico é resultado de formas complexas de aprendizagem e, portanto, não ocorre automaticamente à medida que a criança cresce.

Essa constatação de que a mudança é inevitável e a compreensão de sua complexidade traz implicações para o trabalho docente, isso porque é tarefa do professor propiciar a aprendizagem por meio da instrução, pois as habilidades artísticas se desenvolvem por meio de questões que se apresentam à criança no decorrer de suas experiências de buscar meios para transformar idéias, sentimentos e imagens num objeto material, despertando e construindo consciência no educando da utilização da arte para a vida, uma vez que desenvolve o aluno integralmente.

Essa preocupação com o trabalho do professor para ensinar artes passa a ser mais evidente a partir do momento em que o ensino de arte passa a fazer parte do currículo. No ano de 1971, a arte é incluída no currículo escolar com o título de educação artística, mais é considerada atividade educativa e não disciplina.

A partir dos anos 80 constitui-se o movimento arte- educação, inicialmente com a finalidade de conscientizar e organizar os profissionais na mobilização de grupos de professores de arte, permitindo que ampliasse as discussões sobre a valorização e o aprimoramento do professor, que reconhecia seu isolamento dentro da escola e a insuficiência de conhecimentos competência na área.

Com a lei n.9394/96, revogam-se as disposições anteriores e arte é considerada obrigatória na educação básica: o artigo 26, §2º desta lei estabelece que “o ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” . É dessa forma, que se chega ao final da década de 1990 mobilizando novas tendências curriculares em artes.

Essa determinação legal trouxe para a escola um grande desafio, pois os professores da educação básica não receberam formação para trabalhar a arte enquanto componentes curriculares. Ressaltando-se ainda que ensinar arte não pode reduzir-se ao fazer por fazer, visto que esta atividade envolve uma dimensão de sensibilidade. As características são as reivindicações de identificar a área por arte (e não mais por educação artística) e de incluí-la na estrutura curricular como área, com conteúdos próprios ligados à cultura artística e não apenas como atividade.

3 RECURSOS ARTÍSTICOS COMO AUXILIADORES DAS METODOLOGIAS DE ENSINO

A Arte na sua essência potencializa o desenvolvimento humano. É uma das principais atividades que leva o ser humano a transcender. A atividade artística possibilita, em alguns casos, as pessoas a superarem os próprios limites humanos. Por exemplo, existem pessoas que pintam utilizando o pé ou a boca, etc. Assim sendo, o educador que tem o conhecimento desse valioso recurso pode utilizar-se da Arte para mediar o conhecimento, facilitando e potencializando o processo ensino aprendizagem.

Na prática cotidiana é possível observar que os alunos que vivenciam a arte alcançam um nível elevado de conhecimentos e habilidades que comparados a outros educandos, que não tiveram a mesma experiência não se desenvolvem no mesmo ritmo.

No campo educacional uma orientação permanente entre pesquisadores e estudiosos é que o trabalho pedagógico assuma cada vez mais uma tendência de uma prática interdisciplinar. Tal prática visa promover uma aprendizagem significativa. Uma prática interdisciplinar objetiva em primeira instância potencializar os processos de ensino e aprendizagem.

Mediante tal contexto, e tendo por base a fundamentação teórica apresentada neste trabalho, é possível assegurar, que o ensino de artes se apresenta como uma alternativa que atende a esse requisito, isso porque, através do ensino de artes é possível desenvolver diferentes dimensões (cognitiva, afetiva, motora, emocional, artística, criativa, etc.).

A seguir, exemplifica-se a aplicabilidade prática de recursos artísticos ao cotidiano de sala de aula.

3.1 Origami

O Origami é uma arte milenar. Foram os chineses que descobriram a técnica de fabricar o papel, por conseguinte, foram os primeiros povos a dobrarem o papel. Por vários séculos mantiveram essa técnica só para eles. Porém, monges budistas que migraram para o Japão levaram a técnica. Dessa forma, foram os japoneses quem difundiram mundialmente o Origami.

O Origami faz parte da cultura chinesa. As peças de origami são carregadas de simbologias, por exemplo: o tsuru. A peça que leva o nome tsuru foi o primeiro pássaro que os chineses conseguiram fazer com o papel. A esta peça atribuíram um significado de grande valor cultural que representa paz, saúde, felicidade, alegria, prosperidade, etc.

Esta forma artística tem grande valor pedagógico, através desta podemos trabalhar vários requisitos necessários à prontidão para a alfabetização. Dentre os requisitos necessários ao processo de aquisição da língua escrita, podemos destacar: atenção, memória, seqüência, concentração, esforço mental, etc..

Além destes requisitos desenvolve ainda auto-estima, curiosidade, motricidade fina, socialização, sensibilidade, auto-confiança, satisfação pessoal, amizade, dessa forma pode ser usado para fins terapêutico, entretenimento, cooperação, anti-stress e pedagógico.

Trata-se de um recurso interdisciplinar. Através do Origami podemos trabalhar Artes, História, Geografia, Linguagem, Matemática, Ciências, etc. Este recurso portanto, pode ser considerado como um dinamizador do processo ensino aprendizagem. Um recurso a mais a disposição dos educadores, uma vez que a estes profissionais cabe o papel de escolherem conteúdos e metodologias a serem trabalhados no cotidiano escolar.

Este recurso artístico apresenta-se para o educador como uma possibilidade de inovação pedagógica. Uma vez que na prática a metodologia que ainda prevalece é o uso demasiado do livro didático.

Assim sendo, quanto mais o educador tomar consciência dessa realidade, buscará explorar outros elementos de desenvolvimento no educando, encontrando nos recursos artísticos complemento para sua metodologia, enriquecendo assim o processo ensino-aprendizagem.

Como foi mencionado, o origami pode ser trabalhado em diversas disciplinas por exemplo: origami e o ensino de Artes.

O origami como um recurso artístico em sala de aula, pode-se trabalhar o potencial criativo das crianças (pessoas), e a satisfação de sentir-se capaz de produzir algo, no caso uma linda peça de origami.

Lembrando sempre que a finalidade da aula, os conteúdos que estiverem sendo explorados definem a peça a ser produzida pelos educandos. Cabendo ao educador incentivar a criatividade e elogiar as conquistas individuais e coletivas. Quanto a avaliação deve ser do resultado, o que o aluno conseguiu fazer.

Vale ressaltar, que o origami só tem uma regra: iniciar do mais simples para o mais complexo. As peças de origami partem normalmente de um quadrado

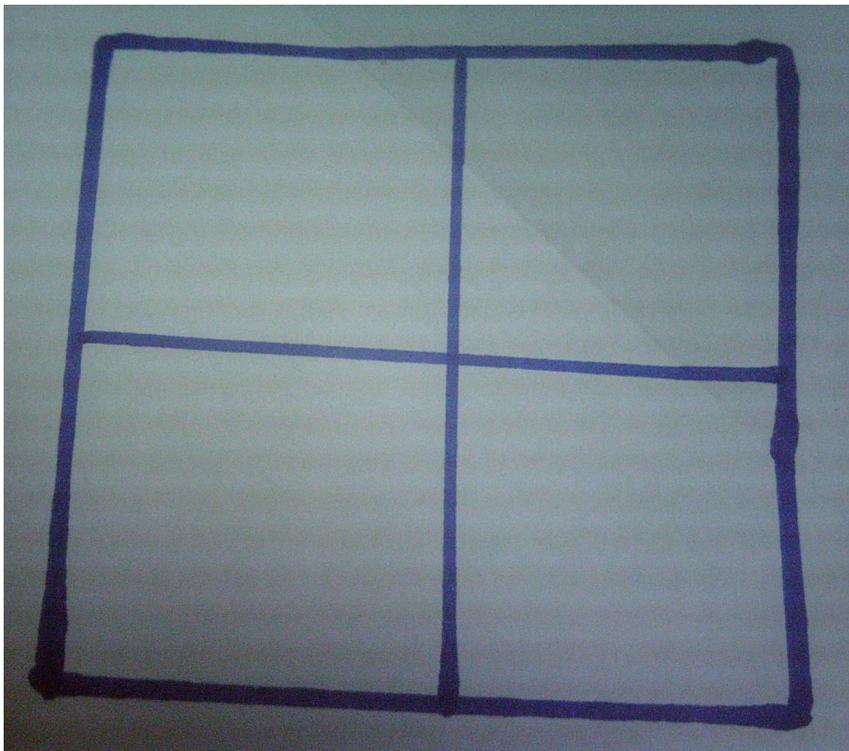


Figura 01 - quadrado com vinca no formato de +

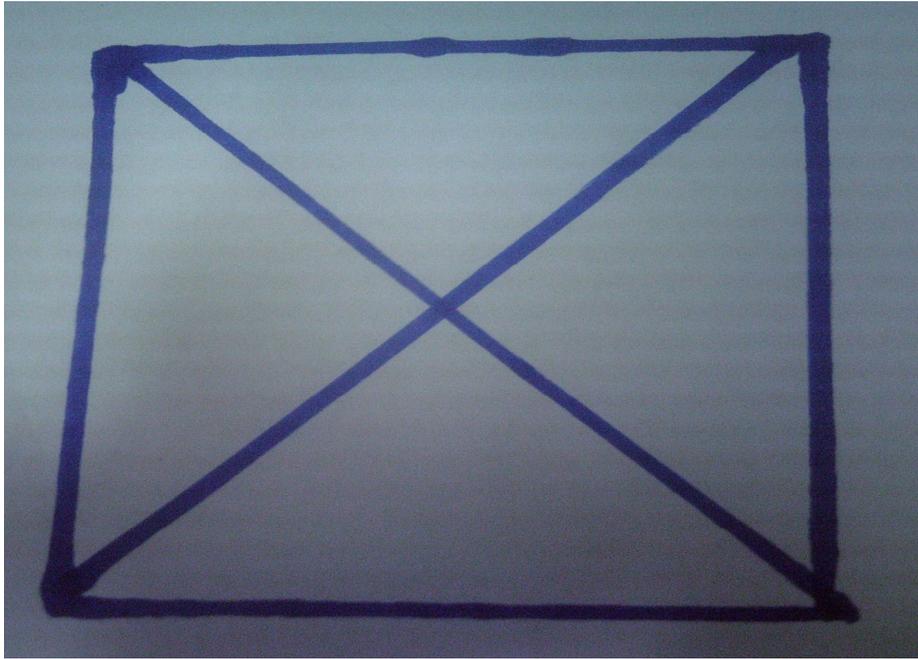


Figura 02 - quadrado com vinca no formato de X

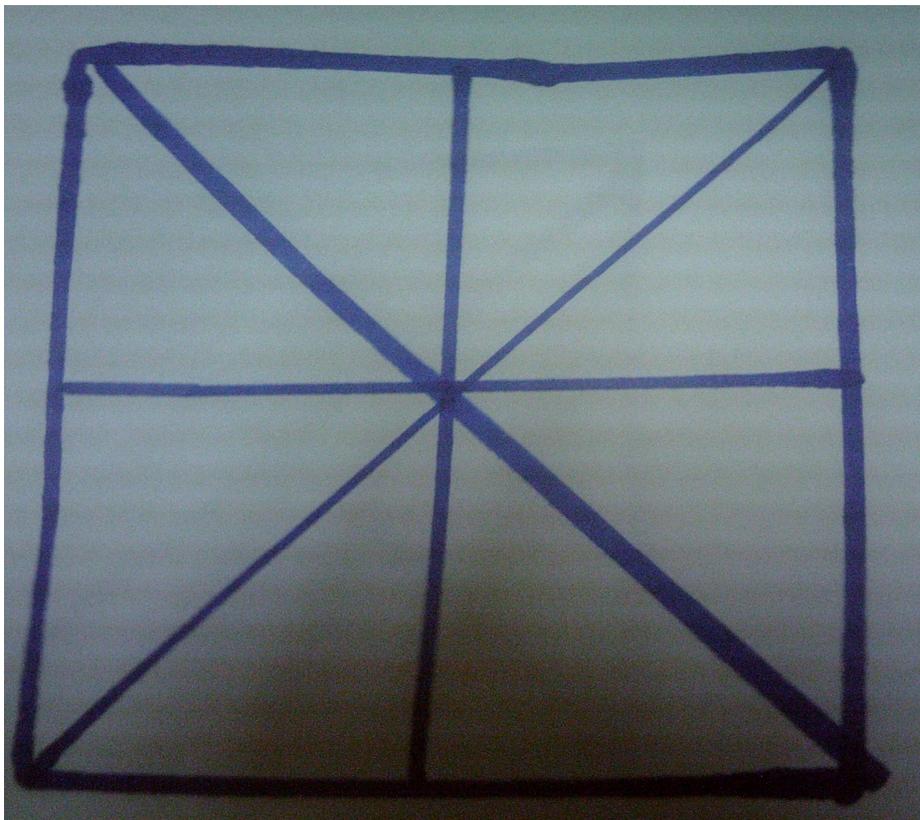


Figura 03 - quadrado com vinca no formato de X e +.

Algumas peças iniciam com a vinca X, outras com a vinca +, e outras ainda, com as vincas X e +.

E mais, existem as formas básicas. De cada forma básica é possível confeccionar várias peças. Neste trabalho conheceremos a forma básica do sorvete. É a mais fácil, por conseguinte, o educador deve iniciar seu trabalho com ela.

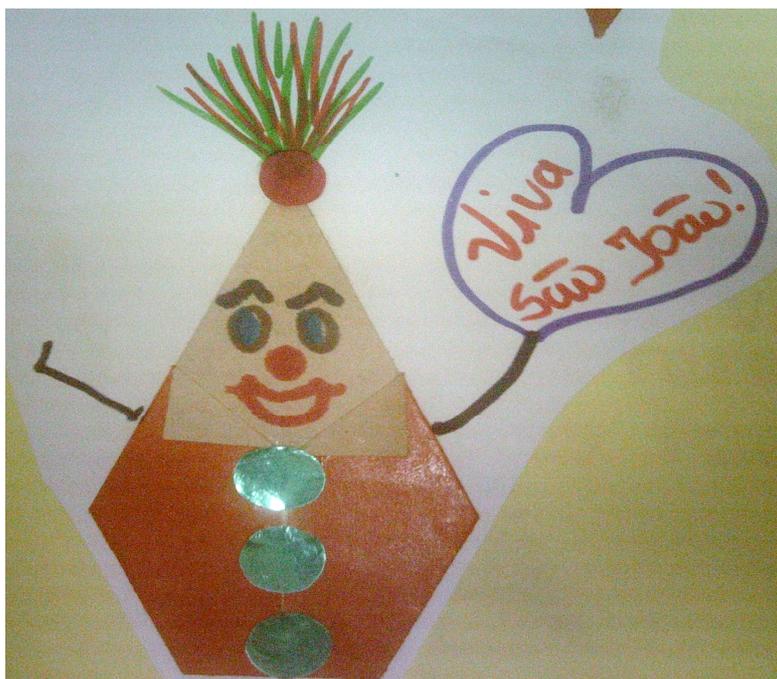


Figura 04 – um palhaço feito a partir da fórmula básica do sorvete

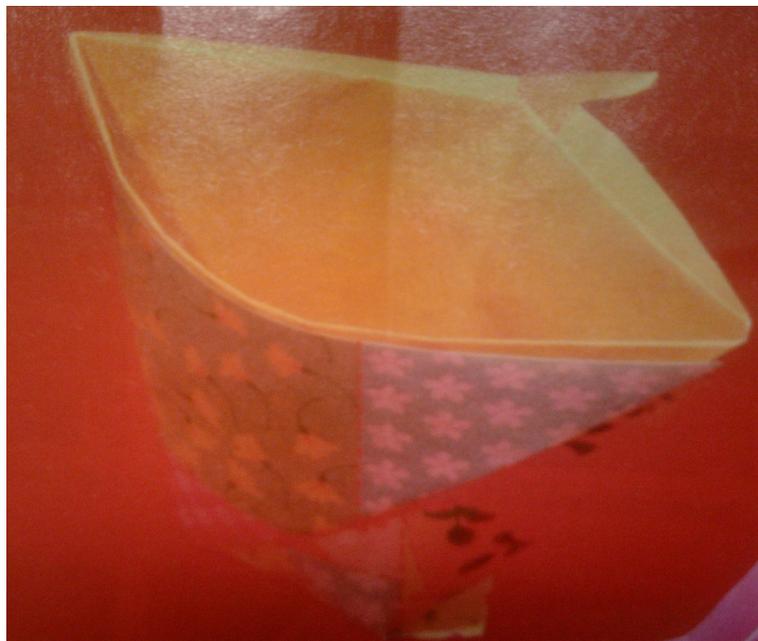
Finalmente, as pesquisas mais recentes ajudam a confirmar uma proposição básica de Vygotsky: o desenvolvimento cognitivo das crianças é consideravelmente favorecido pelas interações sociais. Piaget via o desenvolvimento da criança como dependente sobretudo, da interação com objetos. Tal jogo certamente é importante, mas brincar com outras crianças e interagir com vários adultos é provavelmente ainda mais importante, pois é aqui que a criança aprende sobre os sentimentos e sobre as reações dos outros, experiências necessárias para que a criança desenvolva sua teoria da mente.

Exemplificaremos algumas situações didáticas nas quais o professor poderá trabalhar com o origami, ressaltando que muitas destas situações que ora apresento, constitui-se enquanto relato de experiência, posto que já realizei pessoalmente muitas destas atividades em sala de aula.

3.1.1 Origami e o ensino de Ciências

O origami, assim como outras atividades artísticas, está aberto à criatividade humana. No caso pedagógico podemos dizer que ele está aberto a intencionalidade docente, de acordo com os objetivos de ensino pretendido.

Sendo assim, ao objetivar despertar o aluno para o uso consciente e racional da água, abordando questões sobre qualidade da água consumida e ação do homem em relação a este precioso recurso natural o professor poderá iniciar a aula confeccionando um copo de origami.



Figur 05 - Copo feito de origami

Da mesma forma, se objetivar discutir questões relacionadas aos animais, tipo: extinção de animais, tráfico ilegal de animais, classificação dos animais, etc., poderá confeccionar em origami diferentes animais, tais como: jacaré, porco, baleia, galinha, borboleta, elefante, cachorro, gato, etc

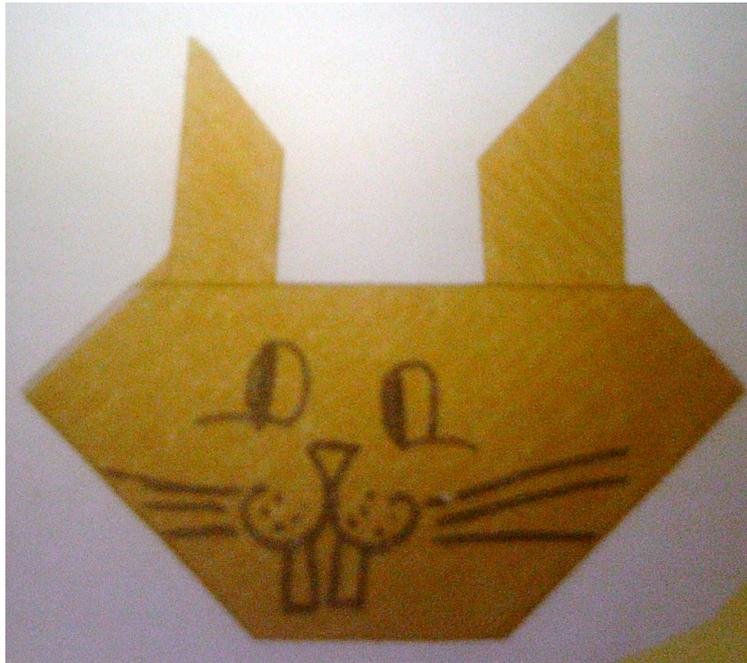


Figura 06 – Gato feito de origami

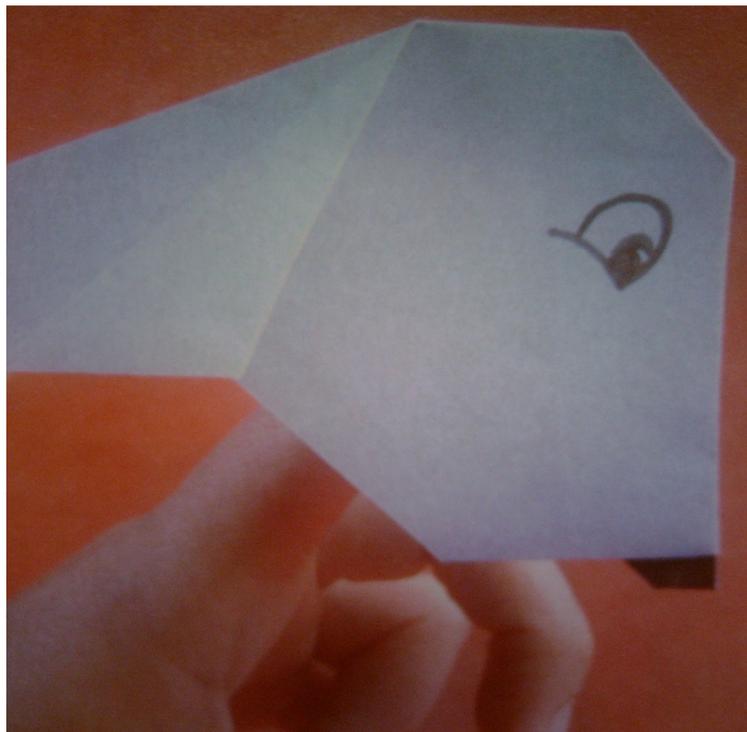


Figura 07 –Cachorro feito de origami



Figura 08 – Lagosta feita de origami



Figura 09 – Pombinha feita de origami



Figura 10 – Pardal feito de origami

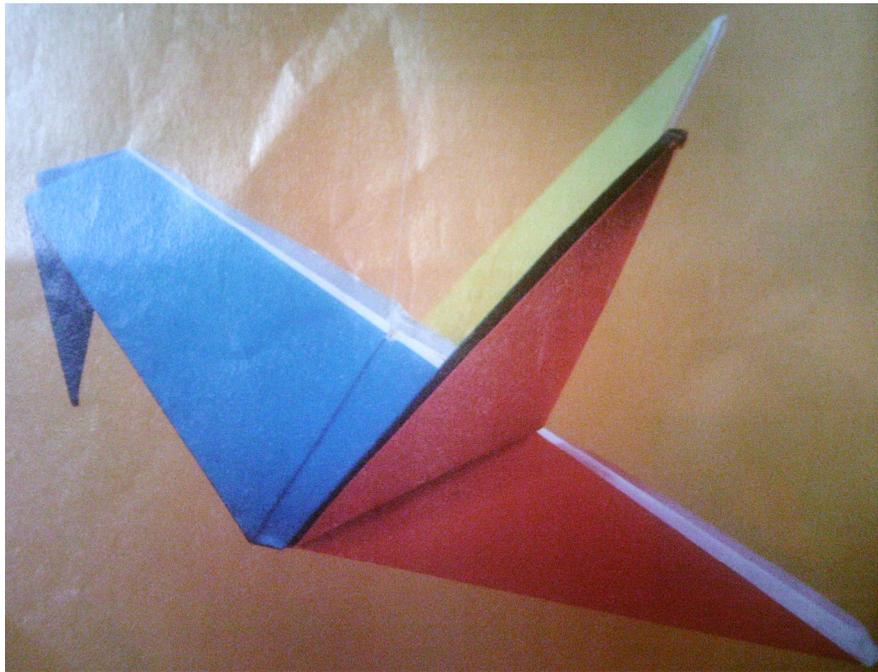


Figura 11 – Pássaro feito de origami

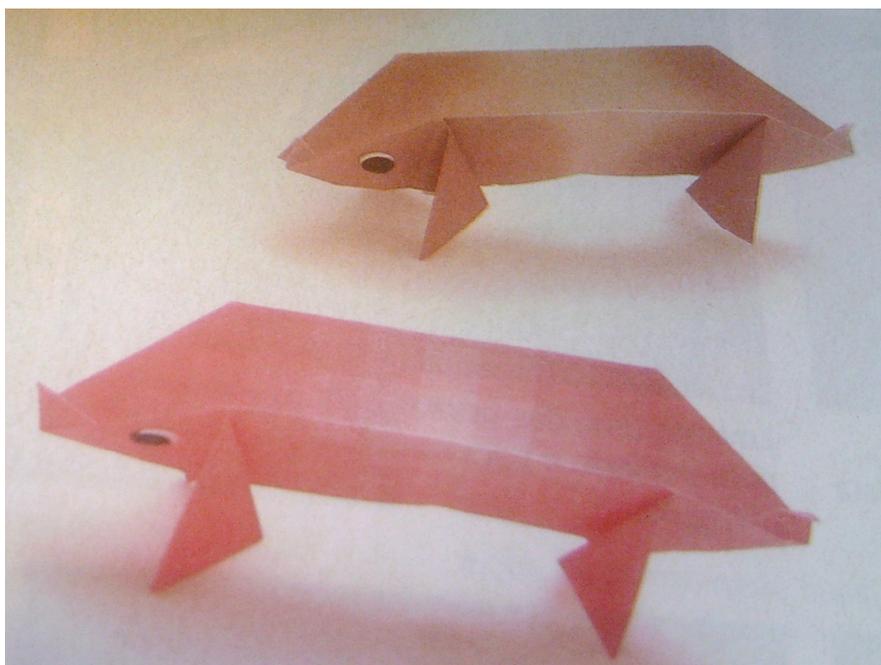


Figura 12 –Porco feito de origami

3.1.2 Origami e o ensino de Geografia

O origami será bastante interessante no ensino de Geografia quando o professor objetivar trabalhar a história local.

Neste caso a recomendação seria para o ensino fundamental menor a construção de uma maquete da rua, onde seria explorado a observação do que existe neste espaço, assim poderia ser confeccionado em origami as moradia, o comércio, escolas, etc.

Para o ensino fundamental maior seria a construção da maquete da cidade em origami. A partir desta atividade o professor terá diversas possibilidades de exploração de conteúdos, por exemplo: como estão divididos os espaços sociais, onde ficam as pessoas pobres e onde ficam as pessoas ricas e quais os serviços oferecidos pelo poder público para cada espaço.

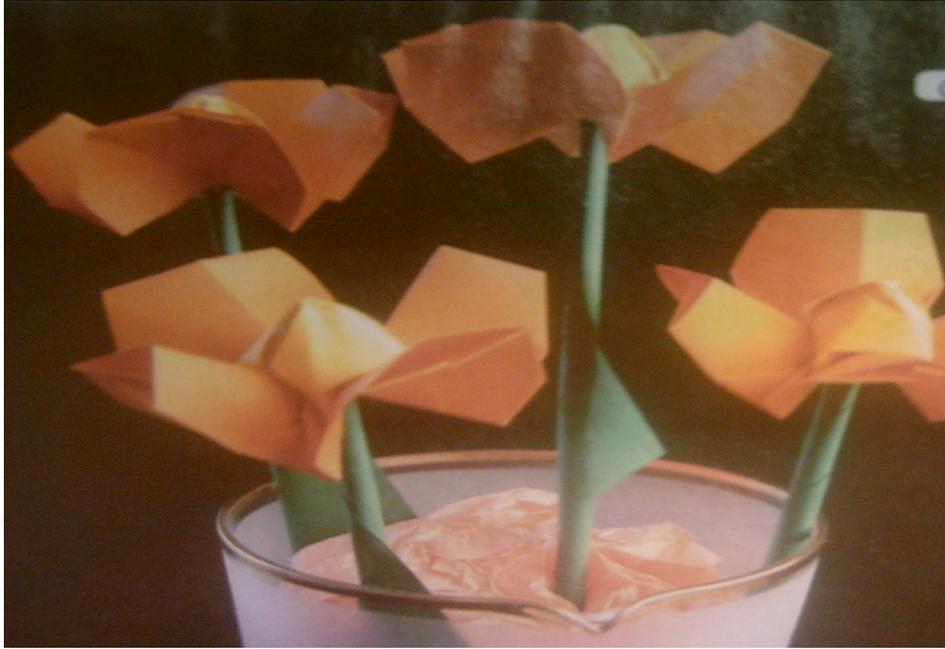


Figura 13 – Flores feitas de origami



Figura 14 – Flores feitas de origami

3.1.3 Origami e o ensino de Matemática

No ensino de matemática as possibilidades de trabalho com origami também são muitas. O conceito de sequência é inerente ao origami, isso porque qualquer peça de origami constitui-se de uma sequência de passos.

Já na educação infantil poderá ser confeccionado um dado de origami e neste ser explorados os conteúdos: quantidade e números.

No ensino fundamental as formas geométricas podem ser apresentadas e discutidas com os alunos a partir de peças de origami. Em peças tipo casa, caixinha de presente, estrela, guirlanda, coroa, porta jóia estão presentes as formas da pirâmide, do quadrado, do retângulo, do triângulo etc.

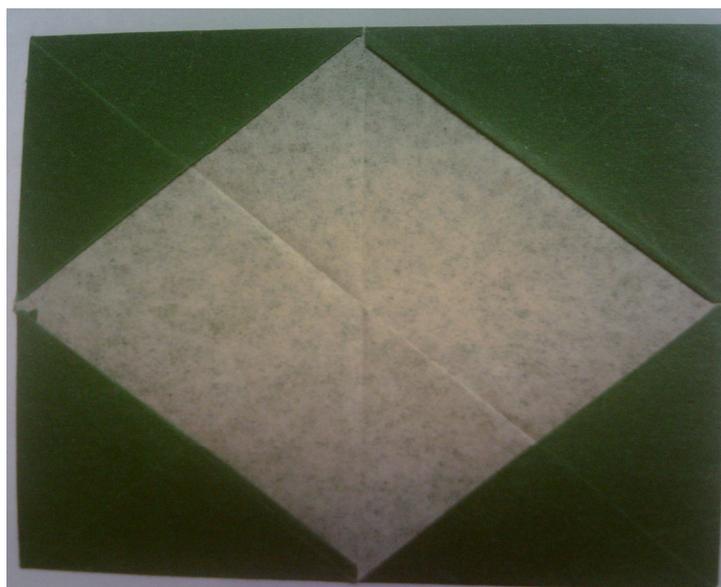


Figura 15 – Porta-retrato feito de origami
(Quadrado e triângulo)

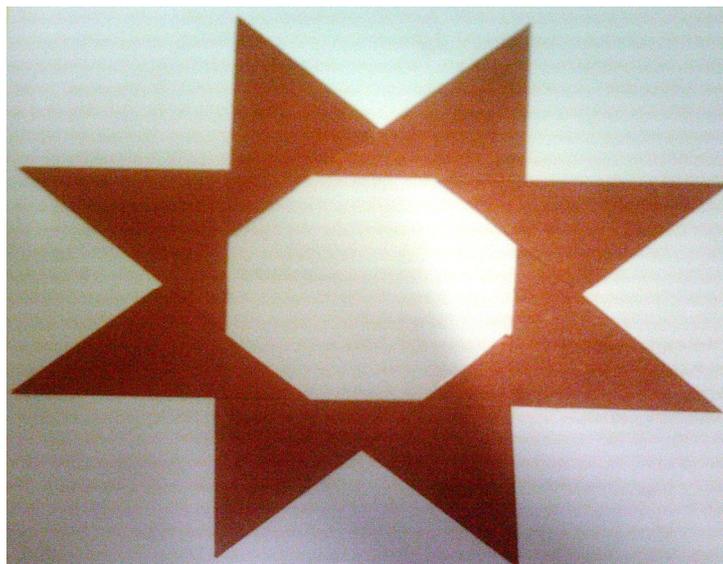


Figura 16 – Guirlanda feita de origami
(octógono e triângulo)



Figura 17 –Cubo feito de origami
(Triângulo e retângulo)

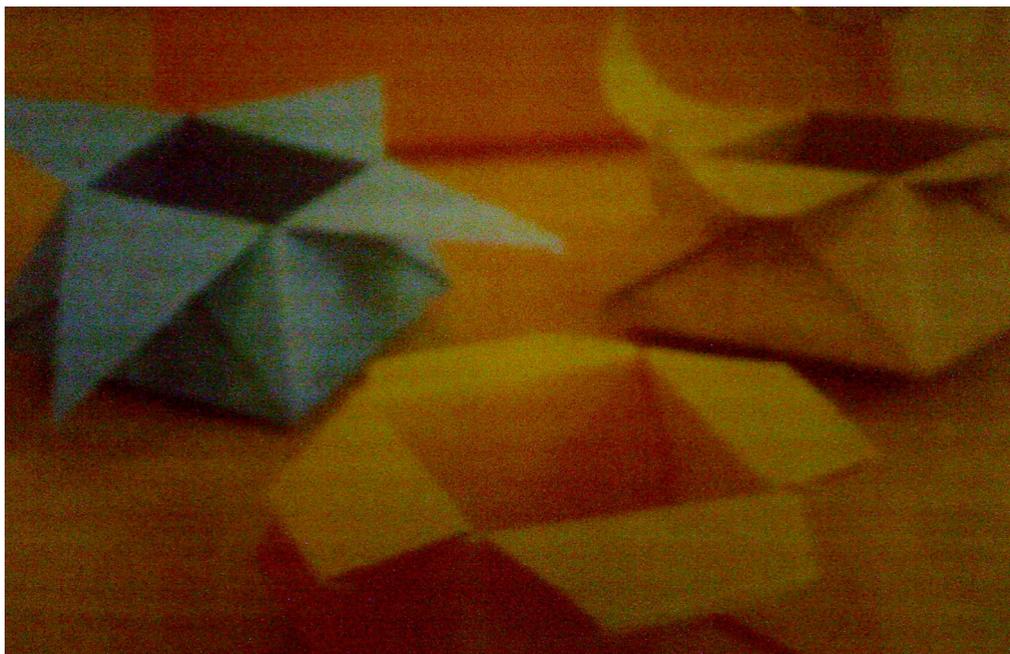


Figura 18 –Caixa de presente feita de origami
(Quadrado e triângulo)

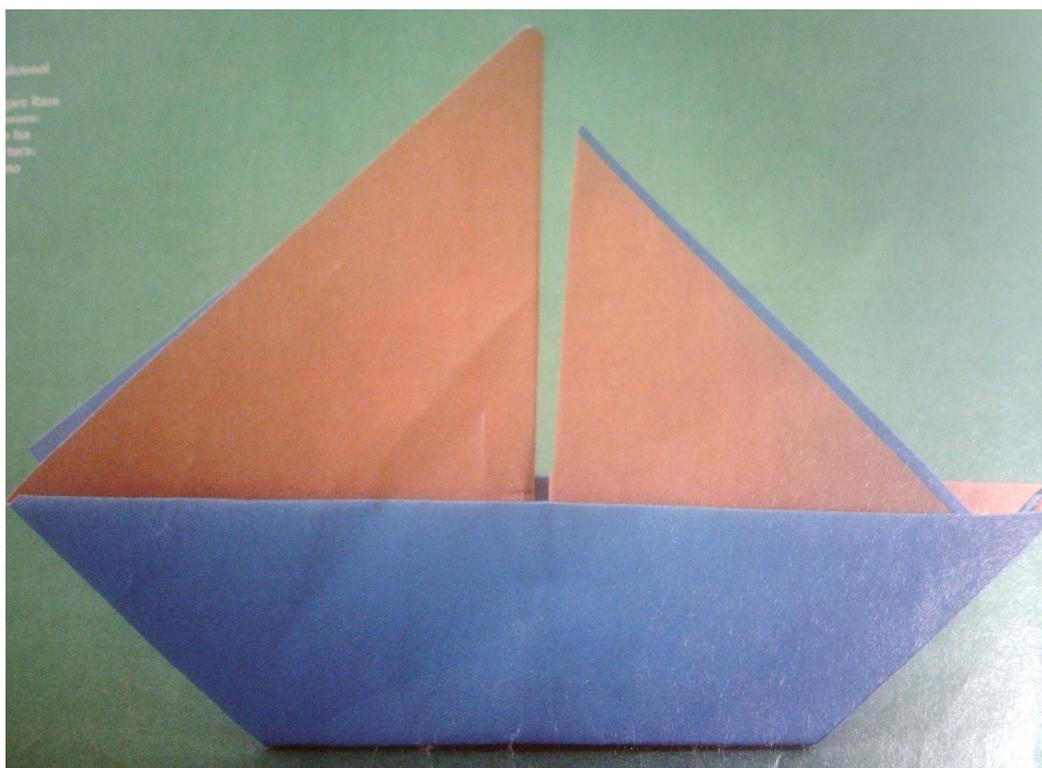


Figura 19 –Barquinho feito de origami
(Triângulo)



Figura 20 – Porta-copo feito de origami
(octógono e triângulo)

3.1.4 Origami e a prontidão para alfabetização

Este item almeja comunicar e informar ao leitor a viabilidade e a relevância dos recursos artísticos no campo da educação.

Eis um dos mais importantes recursos artísticos para a prontidão na alfabetização: origami. O referido recurso possibilita trabalhar muitas habilidades necessárias para uma criança ser alfabetizada dentre estas habilidades destacamos: atenção, memória, seqüência, coordenação, percepção, linguagem, etc...

Ao fazer e conhecer arte o aluno percorre trajetos de aprendizagem que propiciam conhecimentos específicos sobre sua relação com o mundo. Além disso, desenvolvem potencialidades tais como percepção, observação, imaginação e sensibilidade que podem alicerçar a consciência do seu lugar no mundo e também contribuem inegavelmente para sua apreensão significativa dos conteúdos das outras disciplinas do currículo.

Por meio do convívio com o universo da arte, os alunos podem desenvolver-se integralmente, sendo possível ir para além da dimensão cognitiva. O fazer artístico tem a potencialidade de desenvolver a percepção, reflexão, sensibilidade, imaginação, intuição, curiosidade etc.

3.2 A música na sala de aula

Um grande problema que a escola enfrentou nas últimas décadas foi a evasão escolar. Buscou-se por todos os meios amenizar este problema. Tanto do ponto de vista das políticas públicas quanto das práticas pedagógicas.

Dentre as inúmeras discussões presentes na formação de professores e também a partir dos resultados de algumas pesquisas ficou explicitado que uma das necessidades premente seria a renovação do fazer pedagógico. O ensino tradicional baseado apenas

na transmissão e assimilação passiva dos conteúdos não se mostrava atraente para os alunos.

É nesse contexto de transformação do espaço escolar que se insere o ensino da música. No caso particular desta metodologia, a mesma foi proposta, por volta das décadas de 1920 e 1930 pelos educadores que defendiam a proposta de Escola Nova. Segundo Rosa (1997, p.14)

Os adeptos da Escola Nova encaram a linguagem musical como necessária e acessível a todos e não somente aos considerados bem adotados. Os criadores dos métodos ativos outorgam à música um papel importante dentro de seus sistemas educacionais, reconhecendo o ritmo como elemento ativo da música e favorecendo as atividades de expressão e criação.

Conforme apresentado no item anterior, diversas teorias da aprendizagem buscaram explicar o desenvolvimento cognitivo, possibilitando assim, que novas práticas pedagógicas surjam no cenário escolar. O trabalho artístico com a música na sala de aula expressa uma prática decorrente destas novas orientações teóricas. Vejamos o que diz referida autora (1997, p.15) sobre essa temática

[...] para uma visão cognitivista, o conhecimento musical se inicia por meio da interação com o ambiente, através de experiências concretas, que aos poucos levam à abstração. A criança se envolve integralmente com a música e a modifica constantemente, transformando-a, pouco a pouco, numa resposta estruturada.

Para Rosa (1997, p.17) a “A educação musical proporciona a vivência da linguagem musical como um dos meios de representação do saber construído pela interação intelectual e afetiva da criança com o meio ambiente”. A que se ressaltar que esta interação e construção realizada pela criança quando mediada pela música tem evidenciado o componente lúdico que é um grande diferencial no processo de ensino aprendizagem.

Essa nova metodologia de ensino tem se mostrado muito eficaz em diversos contextos, por ser uma metodologia essencialmente prática, onde o aluno vivencia a música na sala de aula enquanto atividade pedagógica, intencionalmente realizada com o intuito de

promover aprendizagem. “As atividades do ensino de música devem oferecer a criança a vivência de fatos musicais, a fim de garantir que ela possa utilizar realmente linguagem musical.”(ROSA, 1997, p.17)

É necessário enfatizar o papel do professor no que diz respeito ao trabalho com a música na sala de aula, isso por que compete ao professor toda a orientação e condução do trabalho pedagógico. A escolha das músicas de acordo com a sua sala e também de acordo com os objetivos que pretende atingir. É importante reconhecer e valorizar o papel do professor em relação ao trabalho pedagógico com a música.

Nesse sentido é pertinente enfatizar que o professor deve compreender a essência da linguagem musical. A partir de suas vivências pessoais e de seu processo criador individual, deve propiciar o contato da criança com as diversas linguagens (plástica, corporal, musical, rítmica etc.) deve criar situações em que a criança possa olhar o mundo, senti-lo e se expressar a partir de suas percepções.

Ainda de acordo com a autora citada anteriormente o professor deverá agir de modo a considerar que

A criança é um ser sintético, ou seja, sua percepção de mundo é multidimensional e simultânea. Aberta a todos os canais, a criança pequena vive intensamente cada descoberta, colocando-se por inteiro em cada situação. Quando brinca, e brinca com toda a seriedade, pinta, desenha, a criança explora sons, inventa músicas.

Concluindo esta reflexão acerca do trabalho pedagógico com a música na sala de aula destacamos a importância de um trabalho significativo e de qualidade com fins de superar o ensino tradicional não se detendo apenas aos conteúdos escolares e proporcionando um desenvolvimento integral dos educandos, considerando todas as suas potencialidades de desenvolvimento.

Nessa perspectiva, convém ressaltar que a melhor forma de trabalho pedagógico é aquela que proporciona a educação integral da pessoa humana, considerando-a na sua dimensão criativa e crítica. Do ponto de vista, do ensino de artes pode-se dizer que a linguagem musical deve ser um dos meios para se alcançar esta educação. É pertinente lembrar que os bons resultados no ensino da música serão alcançados pela adequação das atividades, pela postura reflexiva e

crítica do professor, facilitando a aprendizagem, propiciando situações enriquecedoras, organizando experiências que garantam a expressividade infantil. (ROSA, 1997 p.18)

Por fim, gostaríamos de evidenciar a beleza e ludicidade inerentes à música, evidenciando ainda o quanto esta expressão da arte humana está presente em nossa vida e na história da humanidade. Alunos e professores devem estar atentos ao fato de que a música e as muitas expressões que ela encerra acompanham os seres humanos ao longo de toda sua história.

3.3-Cartões

O valor de um cartão artesanal vai além do preço e do custo.

Através deste, é possível regatar essa prática criativa e maravilhosa de confeccionar cartões numa época em que a tecnologia reina absoluta.

É uma atividade que traz bastante satisfação para quem produz, para quem admira e principalmente para quem recebe.

Com a mediação do educador é possível transformar essa técnica artística em um recurso com valor pedagógico. Sendo de fácil aquisição, tanto o material como as técnicas.

Conforme mencionado anteriormente é fácil encontrar o material para confeccionar cartões diversos e cartões utilizando materiais recicláveis, tais como: revistas, jornal, papel ofício, papel verniz, caixa de creme dental, adesivos, papel de presente, cartolina dupla face, cola, canetinha, lápis de cor, giz de cera, tesoura e molde vazado.

Técnicas

- Quirigami

É uma técnica chinesa, consiste em dar formas ao papel através de cortes, no próprio papel.

- Origami

O Origami é uma arte milenar. Consiste na técnica de dobrar o papel e assim obter formas variadas de acordo com a intencionalidade de que o faz.

- Bombril e papel colorido

Consiste em colocar um papel colorido sobre um papel branco e posteriormente passar o Bombril sobre o papel colorido, que irá transferir a cor para o papel em branco.

- Colage

Recortes diversos, retirados de revistas e colados em outra base de forma criativa.

- Canetinha e água sanitária

Consiste em riscar com a canetinha um papel em branco, posteriormente, com um cotonete molhado em água sanitária passar sobre os riscos de canetinha formando a figura desejada.

- Montagem de revista

Recorte de imagens diversas de revistas, de preferência colorido, e vai colando em outro papel formando um novo cenário.

- Montagem de papel verniz colorido

Recortar o papel verniz em formato de objetos diversos (ex: coração, árvore, casinha, flor e etc..

- Molde vazado

Consiste na confecção de um molde recortado em um papel que será sobreposto num outro papel.

- Molde vazado e giz de cera

Consiste na confecção de um molde recortado em um papel que será sobreposto num outro papel. Esta técnica difere-se da anterior por passar o giz de cera sobre o molde vazado.

- Releitura

É a mistura de várias técnicas na confecção de um mesmo cartão.

- Giz de lousa molhado

Após molhar o giz, aplicar sobre o papel colorido formando desenhos ou letras.



Figura 21 – Modelo de cartão artesanal



Figura 22 – Modelo de cartão artesanal



Figura 23 – Modelo de cartão artesanal



Figura 24 – Modelo de cartão artesanal

CONCLUSÃO

Esta monografia objetivou analisar como os recursos artísticos podem contribuir com as metodologias de ensino para favorecer o processo de ensino e aprendizagem. Buscou-se ainda, apresentar aos professores alguns recursos artísticos para serem usados em sala de aula, demonstrando sua aplicabilidade no desenvolvimento cognitivo dos alunos.

Concluído este estudo é possível destacar que a discussão sobre os recursos artísticos como facilitador nas metodologias de ensino ainda é uma discussão incipiente. O conhecimento aprofundado das técnicas e a falta de habilidades artística pelos docentes levam a ausência desses recursos no cotidiano escolar.

Pesquisar sobre o tema faz enxergar a magia inerente aos recursos artísticos proporcionando uma aprendizagem prazerosa e significativa, sendo portanto, necessário refletir sobre porque eles muitas vezes estão ausentes na sala de aula.

Apesar de haver uma necessidade pulsante nas crianças de vivenciar novas experiências, de aprender com prazer, parece que os profissionais que atuam nessa área, ainda não perceberam ou se negam a proporcionar situações tão essenciais ao desenvolvimento integral da criança.

Lamenta-se que ainda persiste, em alguma instituição, esse dilema, em que a criança é impedida de se mostrar como é. Esta chega à escola provida de um conhecimento inegável e quando associado ao saber sistematizado da escola, responderá com mais segurança as situações apresentadas a ela. São as limitações da prática educativa que impedem a criança de desenvolver-se melhor através da arte. Isso implica que se deve dar lugar a uma reflexão sobre o papel dos recursos artísticos na sala de aula.

É necessário proporcionar a esse ser ativo, que é a criança, atividades que coloquem em prática suas capacidades individuais (habilidades). Sempre considerando a criança um ser integral, em que o desenvolvimento cognitivo é apenas uma parte do desenvolvimento infantil

A verdade, porém, é que grande parte das escolas a cada dia estão mais passivas, deixando de explorar o mundo de conhecimentos, que a criança traz de casa para a escola, estão deixando de utilizar essa infinidade de recursos para desenvolver e envolver a criança dentro e fora da sala de aula.

É preciso que o professor e a escola alterem suas formas de conceber o processo de ensino-aprendizagem. Ele não é um processo linear que se encaminha numa única direção, ao contrário, é uma atividade dinâmica que apresenta paradas, recuos, saltos.

Observa-se então, que existe uma necessidade premente, de atividades orientadas e planejadas, por parte do educador para conduzir a criança a explorar o espaço e o seu potencial criador de uma forma lúdica, ou seja, através da arte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEE, Helen. **A criança em desenvolvimento**. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Secretaria de Educação Básica. Ministério da Educação. Brasília, 2001.

CARRAER, Terezinha Nunes (org). **Aprender Pensando**: contribuições da Psicologia cognitiva para a educação. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CARTÕES ARTESANAIS: **Mãos que criam**. Editora Escala Ltda. Ano 1, nº 29

FAÇA E ACONTEÇA. **Origami**. Ed. Minuando Ltda. Ano II, nº 27

FEITO A MÃO. **Origami**. Editora Nova Sampa Diretriz Editora Ltda. São Paulo, 2003

FERREIRA, Martins. **Como usar a música na sala de aula**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

GALVÃO, Isabel. **Henry Wallon**: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.

HOWARD, Walter. **A música e a criança**. São Paulo, Summus, 1984.

PAPALIA, Diane E. **O mundo da criança**: da infância à Adolescência. Tradução de Auripebo Berrance Simões. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1981.

PIAGET, Jean. **Psicologia da Inteligência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

PIKUNAS, Justin. **Desenvolvimento humano**: uma ciência emergente. Tradução de Auripebo Berrance Simões. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1979.

MÁRSICO, Leda O. **A criança e a música**. Porto Alegre: Globo, 1982.

www.edminuando.com.br. Acesso em 15 de janeiro de 2010.

www.escala.com.br. Acesso em 15 de janeiro de 2010.

ROSA, Nereide Schilaro Santa. **Educação musical para a pré-escola**. São Paulo: Atica, 1997

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. Et. AL. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1988.

WALLON, Henri. **As origens do pensamento na criança**. Tradução: Dores Sanches Pinheiros e Fernanda Alves Braga. Ed. Manole. 1989.